

## **POR UM ESPAÇO ESPECIAL PARA A LITERATURA NA ESCOLA <sup>1</sup>**

**Anna Claudia Ramos e Luiz Antonio Aguiar <sup>2</sup>**

Quando pensamos na Literatura nas escolas, é necessário situar alguns pontos de princípio que nos servem aqui de referência.

Em primeiro lugar, devemos deixar claro que falamos a partir de uma posição que recusa as idéias de *desescolarização da leitura*, mas que privilegia, sim, a abertura da instituição escolar à especificidade generosa da Literatura.

Em segundo lugar, quando privilegamos a Literatura e não genericamente a Leitura, é porque, não somente por sermos escritores, mas também baseados em nossa experiência como divulgadores da leitura, compreendemos (e constatamos) que nada tão poderoso quanto a Literatura para animar as pessoas para se apropriarem do mundo da palavra. Nada como a reflexão, o prazer e entretenimento, e a fruição estética que a Literatura pode proporcionar para alargar a nossa humanidade interior. Nada como a Literatura, essa experiência de milênios de encantamento da palavra promovida (e movida) pela humanidade para nos tentar a entrar para o mundo dos heróis, das aventuras, da exposição da alma humana e da exploração do sentido de tudo que há e nos cerca. Nada como a Literatura, que ergue um defunto da tumba e o transforma em autor; e faz, de uma boneca de pano, gente que reforma a natureza e subverte o poder do tamanho, para nos defrontar com a multiplicidade disso que chamamos de *realidade*.

É por isso que a palavra de ordem central da AEILIJ, que nos inspira e orienta é ***Pela democratização da Literatura no Brasil*** .

Em terceiro e último lugar, é necessário apontar também que ao lado de heróicos, idealistas, sonhadores, quixotescos, emilianos, bovarianos, professores e bibliotecários, agentes de leitura de vários tipos, que em seu cotidiano, na sala de aula, nas bibliotecas e nas salas de leitura, lutam para reunir a Literatura à vida de seus alunos, temos também procedimentos arraigados na instituição escolar que ressecam a Literatura e privam seus alunos justamente do seu poder de encantamento.

E não se pode dizer que o próprio MEC não reconheça a necessidade de um espaço especial para a Literatura nas escolas. Num documento do MEC (“Orientações Curriculares para o Ensino Médio”, 2006, p.55) que trata da Literatura no Ensino Médio lemos: “Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será

possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. Desse modo, explica-se a razão do prazer estético mesmo diante de um texto que nos cause profunda tristeza ou horror”...

Como se vê, uma formulação bastante avançada e em nada diferente da que a AEILIJ, desde as definições do seu I Encontro Nacional, em 2004, vem defendendo. Por que então a defasagem entre essa orientação e a realidade de grande parte da instituição escolar, que trata Literatura como um acessório das disciplinas do currículo?

Em grande parte dos estabelecimentos de ensino, predomina ainda a visão *paradidática*, a didatização da Literatura. O que se pretende nesse caso é uma *justificativa* para a introdução da Literatura na *aula*, e no caso uma justificativa *sobre sua utilidade*, como se a Literatura em si não fosse um dom, atributo e direito do ser Humano. No uso paradidático, o leitor que se tenta formar — e que por entrave intrínseco ao método não se consegue de fato formar, ao cabo da vivência escolar — é uma criatura-leitor diferente dos seres-leitores que existem no mundo. Na verdade, uma criatura-leitor específica, que só existe nesse ambiente.

O ser-leitor que existe no mundo, o *leitor mundano*, exerce seu direito de escolha sobre qual livro vai ler, lê como uma experiência individual, subjetiva e mesmo afetiva, lê sem pressões de avaliação, sem cobranças, pode parar de ler um livro se não gostar dele. Alguns, até mesmo freqüentam eventos como feiras de livros, onde têm contato com autores e discussões sobre Literatura & Vida.

A criatura-leitor *didatizada* é totalmente diferente. Não tem direito de escolha, é cobrado pela leitura, e sua leitura não é pessoal, mas tem de se orientar para responder a provas etc... — é uma leitura *padronizada*, ou *gabaritada* (submetida a gabarito). Uma leitura que *a priori* deve entender o que se acha que há para ser entendido, nem diferente, nem menos, nem mais, naquela obra em particular e na Literatura como um todo. Não há desafios nem recriações. Não há apropriação da obra pelo leitor. Trata-se aqui de um leitor para quem a Literatura é deturpada a ponto de se transformar em algo não dessemelhante às antigas aulas de

*moral e cívica*, ou aos famigerados *Estudos de Problemas Brasileiros*, que a ditadura das décadas de 60 a 80 impôs ao ensino em diversos níveis.

O leitor que se produz nesse modo didatizado se satisfaz com resumos – que garantem a aprovação. O outro, o leitor mundano, lê para experimentar “profunda tristeza ou horror”, através da Literatura. Ou alegria. Ou êxtase. Ou seja o que for. É um leitor que é lançado, pela Literatura, na busca do Santo Graal, ou, em seu íntimo, da *terceira margem do rio*.

Um exemplo emblemático da redução/deturpação do modo paradidático está nos chamados *temas transversais*. Com vantagens no que se refere à integração das disciplinas curriculares, quando entretanto aplicados mecanicamente à Literatura, esses *temas* provocam uma reação em cadeia que reduz o potencial humanizador (e transcendente) da Literatura — expresso numa linhagem de ilustres autores, vindo do Machado de Assis do conto *Umas férias*, passando por Monteiro Lobato e chegando a Bartolomeu Campos de Queirós, Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga e muitos outros — a seis tópicos estanques. Cada um desses tópicos reflete uma preocupação doutrinária de quem os formulou, mas o caso é que nem de longe podem expressar uma Literatura que, por sua grandeza milenar, sempre buscou a totalidade dos temas e do ser humano.

Por que *temas transversais* não podem ser *amor, amizade, medo, o que é o universo?, enigmas e mistérios, a perda, por que uma tradução para a palavra paradoxo é “admirável”?*, *os desejos*, ou ainda *o contra senso e o tesouro expressos pela palavra “verossimilhança”*, ou outros afins, tanto etéreos quanto capazes de penetrar em meandros da inteligência e do espírito (e talvez nos sentimentos e mesmo nos sonhos) de cada um? Por que devem ser — esses temas que em cadeia, em muitos casos, norteiam as adoções nas escolas, os catálogos das editoras e as compras governamentais — temas fechados, ou seja, verdadeiras perguntas retóricas lançadas sobre a criatura-leitor-didatizado, com resposta gabaritada à la rigidez do *certo≠errado*? Quando é que a escola vai se abrir para o  $\pm$  da Literatura?

Não se pode formar uma criatura-leitor-didatizado esperando que ele, sabe-se lá como, se transforme num ser de outra natureza, num ser-leitor-mundano. Não se estão formando leitores para o mundo, nesse modo fechado, mas como se a vivência leitora se restringisse à escola. O que precisamos é que a escola abra espaço para a leitura da Literatura como ela existe no mundo e forme leitores que serão leitores em seu cotidiano, em suas vidas,

no mundo! ... Algo que só entende e acolhe quem ama a Literatura. Sem precisar de justificativas práticas para isso.

Esse ser leitor pede um animador, um orientador, um *mediador*; um professor, formado para isso, ou nas próprias faculdades, ou em programas de formação continuada, como o que tivemos neste país um dia, o PROLER – que precisa ser urgentemente revitalizado. Claro que se necessita também de uma reformulação dos cursos de Letras e de Magistério (para incluir a formação para a leitura de Literatura)... pela reformulação do vestibular, para que este cobre menos história da Literatura (estilos, escolas de época) e mais a impressão pessoal, criativa da leitura Literária (impossível de se conter numa múltipla escolha)... pela proliferação de bibliotecas públicas, de clubes de leitura nas escolas, nas comunidades... e outras iniciativas.

A discussão sobre o caráter particularíssimo da inserção da Literatura na escola é central para quem deseje na prática efetivar a ampliação do público leitor brasileiro e a democratização da Literatura. E principalmente é necessário que quem gosta de ler, quem ama a Literatura, quem defende uma Literatura autônoma, livre de proselitismos, doutrinanismos e de didatismos, exija mudanças capazes de transformar o momento do encontro da criança e do jovem com a Literatura, na escola, como um momento também de recriação do mundo e da própria vida de cada um.

---

<sup>1</sup> Palestra apresentada ao COLE 2007, no Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil.

<sup>2</sup> Anna Claudia Ramos e Luiz Antônio Aguiar são escritores e representam a **Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ)**